

O LUGAR DA TEORIA NA PRÁTICA: UMA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS – EJA(I).

Mônica Dantas de Menezes¹; Daiane Lopes dos Santos²; Orientadora: Maria Eurácia Barreto de Andrade³

¹ *Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB (Centro de Formação de Professores- CFP / Amargosa – BA) monica14@hotmail.com*

² *Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB (Centro de Formação de Professores – CFP / Amargosa – BA) daiane.lopes@rocketmail.com*

³ *Doutora em Educação pela Universidad Americana (UA). Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB (Centro de Formação de Professores – CFP/ Amargosa - BA) mariaeuracia@ufrb.edu.br*

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar reflexões de uma experiência vivida durante o período de estágio na Educação de Jovens, Adultos e Idosos - EJA (i), fazendo as devidas considerações acerca de sua importância, por compreender às especificidades dos sujeitos a que ela se destina. Serão apresentadas todas as etapas que o constitui: Observação, Coparticipação; Regência, Diagnóstico e escolha metodológica, a partir de um olhar crítico reflexivo. A experiência vivenciada apontou para a grande relevância das ações do estágio supervisionado para o processo formativo dos estudantes de Pedagogia e para os estudantes da EJA (i), os quais são protagonistas. Buscam a apropriação do conhecimento, por terem consciência de suas trajetórias truncadas ao longo de suas vidas. Demonstram interesse e compromisso com a aprendizagem, ainda que sejam inúmeras suas dificuldades cotidianas. A experiência ainda permitiu compreender a extrema relevância do estágio supervisionado, para que o/a pedagogo (a) em formação possa viver a teoria (compreendida na universidade) na prática da sala de aula. Bem como, perceber e buscar entender a diversidade de especificidades que há tanto no processo de ensino-aprendizagem, quanto nos estudantes da EJA (i) e os seus inúmeros anseios, para se enxergarem sujeitos socialmente aceitos, uma vez que se sentem excluídos por não terem a apropriação da leitura e da escrita. Destarte, compreende-se que a experiência vivida no estágio supervisionado é de fundamental importância no processo formativo de todos (as) os/as envolvidos, tanto os/as estagiários (as) como os sujeitos da EJA (i) e professor (a) regente. Sobre os primeiros, o estágio visa contribuir para um amplo entendimento acerca da relação teórico-prático, bem como, a de entender a heterogeneidade que compreende a EJA(i). Para o segundo, possibilita outros horizontes, os/as estagiários (as) buscam inovar a metodologia e se aproximar de cada sujeito compreendendo-o não como alguém que está em atraso no processo de aprendizagem, mas como aqueles (as) que tem o direito de aprender ao longo da vida. Quanto ao terceiro, oportuniza vivências significativas à partir das contribuições advindas dos/as estagiários(as). Nesse movimento de troca de saberes, todos ensinam e aprendem.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado, Educação de Jovens, Adultos e Idosos, Teoria e Prática.

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EJA (i): UMA PROPOSTA, MUITAS APRENDIZAGENS

O/A professor (a) é o/a agente mediador (a) do conhecimento. Sua importância no processo destas construções é algo histórico e de grande relevância social. A necessidade de suas ações no cotidiano escolar e em outras instituições cujo objetivo seja a educação, é primordial. Nesse sentido, pensar a sua formação, é também essencial, uma vez que educar, exige além das questões humanas (amor, atenção, afetividade, diálogo...), também competências teórico-metodológicas. Desse modo, o processo formativo do (a) professor (a) pedagogo (a), requer uma considerável sucessão de estágios, e, será abordada aqui, a experiência do estágio na Educação de Jovens, Adultos e Idosos- EJA (i), realizado numa escola em um bairro periférico da cidade de Amargoso-BA, fazendo as devidas considerações acerca de sua importância, por compreender às especificidades dos sujeitos a que ela se destina.

A Educação de Jovens, Adultos e Idosos- EJA (i) foi ofertada na referida instituição de ensino, a partir de 2006. Atualmente atende duas turmas com 24 estudantes matriculados em sua totalidade nos mais diferentes níveis de aprendizado, com sua maioria no processo de alfabetização, em seus diferentes níveis conceituais de escrita (pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético).

A Educação de Jovens, Adultos e Idosos, é uma modalidade de ensino da educação básica, que surgiu para atender um determinado público que não teve acesso à educação em seu tempo cronológico, ou linear (sem interrupções das séries de acordo a idade) e, na escola - campo do estágio - não é diferente, os educandos são sujeitos que tiveram seus direitos negados, por diversos fatores, principalmente por condições sociais e econômicas desfavoráveis e prejudiciais, que lhes impediram de estudar no sistema regular ofertado. Por todo esse histórico entendem a necessidade de ressignificarem suas vidas, mesmo que para alguns, seja a terceira idade¹. Compreendem a importância de saber guiar-se, sem precisar de tutores, como era comum na idade média.

Os educandos da EJA (i) são, na maioria, adultos e idosos, moradores do próprio bairro (em localidade periférica da cidade). A escola possui uma margem de desistência mínima. Pudemos observar que os educandos sempre se fizeram presentes nas aulas, cada um

¹ Mesmo reconhecendo que outros termos estão sendo adotados, preferimos utilizar o termo terceira idade por ser compreendido como a fase do envelhecimento, representando uma significativa parcela dos sujeitos inseridos nesta modalidade. Além disso, por considerarmos a sua concepção histórica, pois, segundo Peixoto (1998), tal expressão foi criada na França, em 1962, ao tempo que foi introduzida uma política social visando a transformação da imagem da velhice.

com suas características e especificidades, chegavam com disposição, alegria, e principalmente com muita vontade de aprender, apesar de seus históricos de vida, por residirem em bairros periféricos e humildes, com suas dificuldades e lutas diárias, alguns ainda possuem limitações na saúde, fatores que acabam dificultando o processo de aprendizagem.

No estágio, é possível acompanhar mais de perto o processo de ensino-aprendizagem da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, o qual é de grande relevância para a formação do (a) pedagogo (a). Apesar de ter uma carga horária pequena, felizmente, são dias intensos, ricos, produtivos, que permitem adquirir grandes experiências, principalmente o aprendizado que se alcança para além da sala de aula, os conhecimentos na perspectiva humana, que são aprendizagens para a vida.

Contudo, sabendo que a Educação de Jovens, Adultos e Idosos é uma das diferentes áreas de atuação do Pedagogo, ficou notório para nós estagiárias, como é de fundamental importância a realização deste estágio no curso, que segundo Lima (2012, p. 53):

O Estágio como pesquisa tem suas bases na práxis e considera suas atividades no exercício da relação teórico-prática, ou seja, num exercício onde a teoria é inerente a prática. Assim, se constitui uma atividade que contempla todas as habilidades, competências e conhecimentos adquiridos pelo aluno durante a sua graduação e que, através dele, é que o educando pode articular e manifestar suas capacidades alcançadas.

Assim, através destas experiências de estágio que foram vivenciadas com êxito, podemos observar que a relação entre a teoria e a prática foi de fato articulada de maneira significativa, para o processo de construção de uma formação qualificada e continuada.

ANÁLISE CRÍTICO-REFLEXIVA DO ESTÁGIO: DA OBSERVAÇÃO À INTERVENÇÃO

OBESERVAÇÃO

No estágio, a observação é o primeiro momento vivido junto aos sujeitos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), bem como o/a professor (a) e demais integrantes da instituição - campo. Considerado um período de suma importância no processo formativo, pode-se afirmar que o momento vivido é, de fato, fundamental, pois permite uma análise acerca dos conhecimentos prévios dos sujeitos da EJA (i), e da prática docente o que

possibilita inúmeras reflexões acerca do processo de ensino-aprendizagem.

É um momento muito especial, um encontro com pessoas Jovens, Adultas e Idosas, cheias de experiências de vida, muitas exitosas, outras nem tanto, mas todos (as) marcados por suas trajetórias de vida, cada um (a) do seu jeito, mas, com o único objetivo: aprender. Assim, para além de observar os conhecimentos que cada sujeito traz e a prática docente do (a) professor (a), é possível perceber um pouco do modo de ser de cada um (a), seus anseios, timidez, hiperatividade (sim, há adultos hiperativos), medos... Ou seja, conhecer um pouco de seus modos de ser e de existir, e de como todos (as) anseiam fazer parte da sociedade letrada, por compreenderem ao longo de suas vidas, a falta que a leitura e a escrita faz. Como bem coloca Roggero (2013, p.63) “[...] estão lá por vontade própria, mesmo que a essa vontade corresponda mais uma necessidade de sobrevivência. Só esse elemento já os torna disponíveis para a aprendizagem sistematizada da escola”.

Nós, estagiárias de uma escola na periferia de Amargosa-BA, fomos muito bem recebidas pelos sujeitos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos - EJAI, professora e demais colaboradores (as) da referida escola. Essa acolhida foi primordial para que nos sentíssemos parte daquele meio e assim nos colocarmos ao que pretendíamos: o estágio, dando início com a observação. Assim, observar o processo de ensino-aprendizagem, à instituição e muito mais, observar seres humanos que buscam enxergar o mundo a partir de si mesmos, por compreenderem a falta da leitura e da escrita, e, para além disso, acreditam que não há tempo para aprender, pois se não puderam fazê-lo na ordem cronológica/linear solicitada pela escola (educação infantil, primária e secundária) esse é o tempo de aprender, apesar de todas às atividades diárias e quaisquer dificuldades que venham surgir.

Observou-se o empenho da professora, percebeu-se o compromisso e ética, direcionados aos sujeitos da EJA (i) e à instituição escolar. Mostrou-nos que a docência é muito mais que sala de aula, é também conhecer às histórias de vida dos sujeitos que a compõem.

Sabe-se que grande parte do processo de aprendizagem é de responsabilidade do professor (a), por isso à sua prática docente deve ser empenhada na busca de um ensino que faça sentido ao educando (a). Diante disso, ficou muito bem compreendida a importância desse processo inicial, percebeu-se ser à partir dele que tudo vai tomando forma, colocando todos os envolvidos (estagiários, estudantes, professor e demais colaboradores) em um ambiente que favorece a troca de experiências, onde uns aprendem com outros e todos aprendem juntos, pois, é nesse movimento, como bem nos disse Freire (2014, p. 93) que

“Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos na prática social de que tomamos parte”. Nesse sentido, é nessa prática que vamos aos poucos, nos fazendo e refazendo ao colaborarmos uns com os outros, independentemente das posições sociais que ocupamos. Assim, concluímos que a observação é muito importante e necessária, para possibilitar tomadas de decisões exitosas nos processos sucessivos do estágio.

COPARTICIPAÇÃO

Posterior à observação, a coparticipação é parte importantíssima no processo do estágio, ela permite a/ao estagiária (o) um acesso mais próximo aos sujeitos da EJAI, é nesse contato que é possível perceber os níveis de aprendizagens, e naturalmente, cria-se uma relação afetiva, fortalece-se os vínculos e com isso, os/as educandos (as) sentem-se mais confortáveis para aprender.

Essa aproximação deve ser cuidadosa, visto que eles (as) já têm um método e um ritmo de aprendizagem adquirido ao longo do ano. Isso implica em ter feito uma boa observação, para que no momento de coparticipar, não haja confusão na maneira que eles (as) vão compreender os conteúdos à partir das novas orientações propostas pelos estagiários(os). Entendido isso, o/a estagiário (a) não pode perder de vista essas preocupações, para que tenha êxito no processo de ensino-aprendizagem. A coparticipação nos possibilitou meios para entendermos como deveríamos proceder no período da regência. Nela, vimos como cada educando se comportava diante de cada conteúdo dado pela professora em todas às disciplinas por ela ministradas, e para, além disso, a relação educador-educando. Foi fundamental para pensarmos os nossos planos de aulas e desenvolvermos às nossas estratégias metodológicas para o período de regência. Nesse sentido, percebemos que os educandos (as) tinham uma compreensão madura acerca do que buscavam, queriam aprender a ler e a escrever, mas, para além dessas aquisições, buscavam entender o seu lugar no mundo. Tinham sonhos, não queriam apenas concluir o ensino fundamental e médio, mas, alguns, o superior. O que nos fez perceber que tinham uma noção acerca dos caminhos que queriam percorrer, algo muito interessante a ser percebido, uma vez que a Educação de Jovens, Adultos e Idosos carrega um estigma, de ter caráter assistencialista, e não permite sequer fomentar esse desejo de ir além. Foi lindo, ouvir suas aspirações.

Desse modo, o período de coparticipação, nos permitiu

uma reflexão acerca de como íamos ministrar às aulas. Precisávamos pensar numa perspectiva pedagógica onde os educandos (as) pudessem se perceber enquanto sujeitos ativos numa sociedade que eles (as) já contribuem significativamente, apesar de não terem adquirido totalmente à aquisição da leitura e da escrita. Entendido isso, as práticas pedagógicas a serem desenvolvidas, deveriam ser pensadas a partir deles (as), para que o processo de ensino-aprendizagem tomasse outro sentido no momento em que eles (as) se percebessem no processo. Sobre isso, Andrade (2010, p.130) nos reafirma que de fato é necessária:

[...] uma ação pedagógica baseada nas práticas cotidianas, na valorização do senso comum para que, a partir disso se possa superá-la com ações significativas e com intencionalidade social e assim os sujeitos possam construir a história e serem construídos por ela.

Assim, tivemos plena consciência da legitimidade do período de coparticipação, para atender às especificidades da Educação de Jovens, Adultos e Idosos. O período de coparticipação é extremamente necessário para dar subsídios teórico-metodológicos, bem como, compreender a relação educando - educador. Por fim, um período considerado exitoso, tendo em vista a importância dos conhecimentos adquiridos, que subsidiaram de forma notável o período subsequente, à regência.

REGÊNCIA

Considerado o momento mais esperado, onde a relação teórico-prática se mostra fundamentalmente em seu pleno exercício, embasados nos conhecimentos adquiridos no processo formativo (universidade) unindo-se aos conhecimentos dos primeiros momentos do estágio, a observação e a coparticipação, permitindo-nos assim, segurança, competências e habilidades para desenvolvê-las de forma plena.

É na regência que se efetiva de fato a prática docente, é nela que nos assumimos enquanto docentes (em formação). Nesse sentido, é possível notar a importância da escola-campo, para que possamos efetivamente praticar os conhecimentos construídos ao longo do processo formativo.

Estar à frente de uma sala de aula, onde os sujeitos que a compõe, são Jovens, Adultos e Idosos é algo muito gratificante e desafiador, apesar de sabemos de suas trajetórias truncadas, o que nos remete a pensarmos acerca de seus direitos negados ao longo de suas vidas. É importante ressaltar que, o gratificante entendido aqui, é no sentido de compreendermos que apesar de todas as dificuldades enfrentadas ao longo de suas vidas, estar com eles (as) para compartilharmos saberes é muito gratificante.

O período de regência foi muito importante para refletirmos acerca do que é a docência e de como o educador deve se relacionar com os sujeitos que a compõem, sobretudo os que estão na sala de aula. É nesse exercício que se constrói conhecimentos, no movimento de ensinar e aprender, tendo em vista que os Jovens, Adultos e Idosos, não podem e não devem ser considerados vazios, trazem os conhecimentos de vida, experiências, pois à leitura de mundo já é parte de seus saberes constituídos socialmente, o que lhes faltam são os saberes sistematizados de codificação e decodificação da palavra e o fortalecimento do letramento. Assim, cabe aos docentes (estagiários/as) fazerem essa leitura e considerar os seus saberes, desenvolvendo suas práticas pedagógicas a partir desses saberes.

A regência permite aos/as estagiários/as um momento dedicado ao planejamento, à reflexão sobre os conteúdos e atividades que serão desenvolvidas na escola e que configura um momento especialmente formativo. Entendemos que é, sem dúvidas, um momento que imprime o sentimento de preparação para atuarmos enquanto docentes, podemos dizer, para o mercado de trabalho, ainda que seja pouco. Embora seja de curta duração, às aprendizagens são significativas para todos (as) os/as envolvidos (as). Consideramos assim, que todas as etapas que constituem o estágio são extremamente importantes, cada uma com a sua especificidade, mas que se complementam.

DIAGNÓSTICO E ESCOLHA METODOLÓGICA

O diagnóstico é o momento ímpar para a escolha metodológica, é através dele que é possível mensurar um pouco da realidade de cada educando. Soma-se a isso, às informações adquiridas pela docente responsável pela turma, o que determina a escolha metodológica adotada.

Nesse sentido, a escolha metodológica foi realizada com base nos conteúdos que já vinham sendo trabalhados pela docente responsável pela turma. Foram trabalhadas as disciplinas de matemática, ciências e língua portuguesa. Em todos os conteúdos, buscou-se as contribuições de materiais concretos e slides que possibilitassem uma melhor compreensão acerca dos assuntos trabalhados, culminado na aprendizagem.

As avaliações foram processuais, onde os critérios foram as participações e empenho de todos os sujeitos na busca pela aprendizagem. Para isso, foi necessário sensibilidade para perceber seus diferentes níveis de aprendizagem. Não houve nenhuma atividade proposta que

não fosse alcançado êxito. Foi consenso do grupo, bem como com todos os envolvidos, que a metodologia escolhida foi adequada e atendeu ao desejado.

SOBRE A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

Podemos dizer excepcional! Sim, excepcional. Os dias compartilhados com os sujeitos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, foi uma experiência incomensurável do ponto de vista do subjetivo, já do objetivo, foi possível mensurar a necessidade de uma atenção voltada especificamente para eles (as), a começar pela estrutura da sala de aula, que era visivelmente voltada para o público infantil (era a sala da turma do ensino fundamental) isso, já os fazia compreender que aquele ambiente não dialogava com as suas realidades (idade). Por que não pensar em uma sala de aula para a EJA (i)? É algo a ser pensado e alcançado.

Outra observação que consideramos pertinente ressaltar é a necessidade de auxiliares para atenderem aos sujeitos com necessidades especiais, tendo em vista que são múltiplas. A docente responsável pela turma empenha-se de forma honrosa, para conseguir fazer um trabalho que atenda ao máximo, as diferentes realidades, mas, não podemos esquecer das dificuldades que permeiam todo o processo, ao se tratar, sobretudo, de apenas uma pessoa para acompanhá-los no que tange ao ensino e aprendizagem. Assim, compreendemos a importância de políticas públicas para atender a todas essas necessidades, para que haja um trabalho significativo, com resultados positivos.

Contudo, as reflexões que conseguimos fazer acerca do estágio, são, em suma, bastante positivas. Sobretudo no aspecto de perceber a importância da escola-campo como o espaço que nos possibilitou aprendizagens significativas da profissão docente. Colocou-nos no contato direto com os sujeitos, o que nos permitiu uma melhor compreensão sobre suas trajetórias de vida, seus anseios... E de percebermos qual é a nossa função enquanto pedagogas (os). A colaboração de todos os agentes foi de fundamental importância, para que chegássemos a essa conclusão.

Inicialmente a nossa docente, Dr^a Maria Eurácia Barreto de Andrade, com sua competência e amorosidade, conseguiu contribuir com seus ensinamentos teóricos e práticos, com muita responsabilidade e compromisso e de forma harmoniosa, fez um trabalho lindíssimo, abrindo caminhos (universidade - escolas-campo) para que todos (as) nós, estagiárias (os) pudéssemos ser acolhidas (os) com tanto brilhantismo. O que foi notoriamente destacado no momento em que tivemos acesso à escola-campo. Em seguida, a todos os/as

envolvidos (as) que compõem a escola-campo, desde a professora (regente), os sujeitos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (da turma) e demais componentes.

Assim, de maneira geral, afirmamos a importância do momento vivido, dizer que a experiência foi muito significativa e necessária para o nosso processo formativo. Que grande foi a nossa alegria por termos vivido esta experiência, pois contribuiu não somente enquanto profissionais, mas, sobretudo como humanos; saímos de lá, muito maiores, com tudo que aprendemos com os Jovens, Adultos e Idosos, eles (as), como já foi mencionado, trazem consigo, saberes importantíssimos e que não podem ser desvalorizados, mas valorizados, de modo que se sintam motivados para ressignificarem suas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O componente Prática Reflexiva na Educação de Jovens e Adultos, ministrada pela professora Dr^a. Maria Eurácia Barreto de Andrade nos deu um grande suporte, para realização do estágio. Podemos afirmar que o apoio dado desde o início, por ela, foi um grande diferencial.

Durante o período de estudos na Universidade, tivemos várias discussões acerca da Educação de Jovens, Adultos e Idosos- EJA (i). Teóricos trazem que a Educação de Jovens e Adultos e Idosos, deve ser diferenciada, tendo como base a realidade dos estudantes, assim como, fazê-los refletir sobre a importância de estarem na escola. Não se pode generalizar sobre o contexto de todas as escolas, mas boa parte deixa a desejar nesse sentido. E sabemos que existem algumas barreiras diárias que os/as profissionais da educação enfrentam.

Se tratando do contexto em que atuamos, fizemos várias reflexões acerca do dia a dia dos/as alunos (as) da EJA (i) e dos/as seus (uas) professores (as). Percebemos que existem as individualidades e dificuldades para estes estarem na escola, assim como a disposição da professora regente e sua preocupação para com os seus educandos.

O estágio foi de suma importância para o grupo, em especial para uma integrante que irá discutir sobre a EJA (i) em seu trabalho de conclusão de curso. A escola e a turma nos receberam muito bem, fazendo com que ficássemos a vontade. Diante do vivido nesses dias de estágio, percebeu-se o quão é importante a EJA(i). Ver nos olhos dos estudantes a vontade de aprender, e estar na escola, foi um impulso para nós que estamos em processo de formação. Sabíamos um pouco da dificuldade de cada educando (a), mas eles (as) estavam lá, em cada aula com uma expectativa muito grande para o que aconteceria na aula do dia

seguinte.

O grupo se esforçou bastante para que o período de estágio fosse significativo para os/as educandos (as). Cada aula foi pensada de forma diferenciada e com muito carinho para todos (as) eles (as). Podemos concluir, afirmando que a EJA (i) é fundamental na sociedade. Há a necessidade de um olhar mais sensível das autoridades (aqueles responsáveis pelas políticas públicas). Não adianta ter uma escola com turmas de EJA (i), se não há investimentos para que essas turmas se mantenham e a aprendizagem dos educandos (as) se concretize. É necessário pensar uma escola específica para esses sujeitos, pois pelo que percebemos, as salas de aula muitas das vezes são decoradas para as crianças que estudam nos turnos anteriores, e isso acaba não sendo um ambiente tão favorável para Jovens, Adultos e Idosos. Além disso, é importante que o/ professor (a) regente de turmas da EJA (i), tenha uma formação continuada, seja pesquisador (a), pois para esses sujeitos é sempre interessante trazer coisas novas, que os incentivem a querer permanecer na escola e os instiguem a ir além. O tempo vivido na escola contribuiu de forma muito significativa para a nossa formação.

Diante do que foi exposto, podemos concluir que o período de estágio vivido, foi muito enriquecedor para nossa formação e para nossa vida, foi muito mais do que um momento apenas de ensino e aprendizagem de conteúdos sistematizados, houve uma troca de saberes que ultrapassa os muros da escola. Somos gratas a Deus por nos permitir viver esse momento e nos apresentar pessoas incríveis, a escola por ter nos recepcionado muito bem, a professora regente que nos acolheu em sua sala e aos educandos da EJA (i) que nos proporcionaram momentos enriquecedores. Não poderíamos deixar de agradecer a nossa querida professora Dr^a. Maria Eurácia, que é uma profissional excepcional e que sempre esteve nos acompanhando de perto e é um anjo em nossas vidas. Saímos desse estágio com o sentimento de dever cumprido e com uma visão melhor do que é a EJA (i) e a sua importância na sociedade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANDRADE, M. E. B. **Alfabetização e Letramento** - o desvelar de dois caminhos possíveis. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

CORTADA, S. **EJA - Educação de Jovens e Adultos e seus Diferentes Contextos**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

FREIRE, P. **Política e educação** [Org. Ana Maria Freire]. 1-ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **Pedagogia do Oprimido**, 17^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LIMA, M. S. L. **Estágio e aprendizagem da profissão docente**. Brasília: Liber Livro, 2012.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os temas classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: BARROS, M. M. L. (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 69-84.

AMARGOSA. **Projeto Político Pedagógico (PPP)**, Escola Municipal Professora Rosalina Souza Bittencourt, 2015